A morte do elephante e o seu testamento

Rio de Janeiro

[18--]

Reel: 48 Title: 42

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCI00048.42

Control Number: BBQ-0781
OCLC Number : 07532075
Call Number : W 381.5698 P8383 no. 11
Author : Silva Trovoada, Anastacio Lopes da.
Title : A morte do elephante e o seu testamento / por Anastacio Lopes da Silva Trovoada.
Imprint : Rio de Janeiro : [s.n., 18--]
Format : 13 p. ; 17 cm.
Note : Cover title.
Note : In verse.
Subject : Chapbooks, Brazilian.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9.29.94
Camera Operator: CG

A
Morte do Elephante
E O SEU
TESTAMENTO

POR

Anastacio Lopes da Silva Trovoada

RIO DE JANEIRO

A

Morte do Elephante

E O SEU

TESTAMENTO

Lopes Trovoada

A Morte do Elephante

E O SEU

TESTAMENTO

Visto estar eu muito idoso,
E já prestes a morrer
Vou fazer meu testamento,
E muito tenho que dizer.

Primeiro que tudo quero
Que se prepare uma mesa
Com penna, caneta e tinta,
Papel e uma vela accesa.

A mesa será redonda
E mui bem envernisada,
Coberta co'uma toalha,
Que estará mui bem lavada.

A toalha que a cobrir,
Quero que seja de linho,
A mesa só de vinhatico
Pois que não presta de pinho.

O papel será de peso,
P'ra pesar o testamento,
E será elle comprado
Na rua do *Livramento*.

A caneta só de ouro
Quero que seja formada,
E depois dessa festança,
Tocará á minha amada.

A penna será de prata,
Que é metal mui conhecido;
Póde ser tambem de ouro,
Outro metal mui querido.

O tinteiro de brilhante,
Tendo a fórma d'um carrinho;
Mas esse... irá commigo,
Que quero escrever no caminho.

A tinta será bem preta,
Em signal de sentimento,
E tambem por ser a côr
Que tenho no pensamento.

E serà ella comprada
Lá na fabrica do *Monteiro*,
Pois que é a afamada,
E elle é muito barateiro.

Eu não quero de outra côr,
Tomem bem sentido n'isto,
E se preta não trouxerem
Que rejeito está bem visto.

A vella será de cêra,
Ou das de composição,
O castiçal pequenino,
E será só de latão.

Depois d'isso preparado,
Ordeno a meu *irmão*,
Que vá depressa chamar
Um bello tabellião.

Estando tudo isto feito,
Começo meu testamento,
Mui risonho e mui patusco
Sei que a todos contento.

Vou agora começar
A grandiosissima obra,
Lá vai, *Senhor meu irmão*,
Lagartixa atraz da cobra.

Escreva *Senhor escrivão*
Isto que dicto agora,
Quero quando morrer
Que assignalem uma hora.

Começando o testamento
Hei de por força lembrar-me
Do meu *caridoso irmão*
Que quiz sempre acompanhar-me.

Em signal de gratidão,
Deixo-lhe a minha cabeça,
Para que tome juizo
E da bola não padeça.

A minha trombinhasinha,
Deixo ao *Senhor escrivão*,
Para que possa alcançar
O que lhe toca por quinhão.

As minhas orelhas deixo
A quem uma só tiver,
Para com as minhas duas
Ouvir tudo que quizer.

Deixo a minha linda bocca,
Senzala já bem sabida,
P'rá pessoa que quizer,
De meu irmão ser valida.

Os dentes (lindo marfim !)
A's donzellas que namoram,
Para não se envergonharem
Apparecendo a quem adoram.

O meu sympathico nariz
Deixo, deixo a quem quizer,
Segure que vale a pena,
Qualquer homem ou mulher.

Se nenhum d'estes quizer,
Deem-no á bella criada
Que fará boa pechincha
Fazendo d'elle... fritada.

O meu rabo, (bello abano !)
Peço-lhes por favor,
Seja dado áquella noiva
Para não sentir calor.

Os meus pés, (oh ! que pesinhos !)
Só lhes peço, sejam dados
Ao mocinho mais bonito
Dos que estão aqui sentados.

As minhas mãos (tenho pena!)
Só as deixo a quem jurar
Que com luvas de pellica
Sempre hão d'ellas andar.

Agora senhores herdeiros
Vou repartir o melhor;
Prestai-me toda attenção
Que não hão de achar peior.

P'ra todos que não quizerem
Fazer parte dos herdeiros,
Deixo as tripas e o buxo
Com miólos verdadeiros.

A barriga, (boa pança!)
Ordeno que sem demora,
Seja dada á sua dona
Bonita e bella senhora.

Mas se esta não quizer
Contente digo-lhe eu
Toca então, minha senhora,
A quem o testamento leu!

A lingua (que é cousa fina!)
Fica, fica p'ra meu amo,
Para lembrar-se de mim
Ainda depois de um anno.

O coração, que palpita,
P'ra crioula que cozinha;
Mas se esta não quizer
Toca então á sinhásinha.

A todos que me amaram,
Sem contar os meus senhores,
Deixo toda a minha prata
E das casas de penhores.

Deixo os meus olhinhos bellos
Aos pelintrinhas da moda,
Para aquebrantarem as moças,
E sua cabeça andar á roda.

O pescoço será do homem
Qne tiver o seu bem torto,
Para lembrar-se de mim
Quando já estiver morto.

O olfato, que é bom,
Para um *velho bem gorducho*
Que fabríca estallos
E só os vende em cartucho.

O queixo só eu darei
No momento derradeiro,
A qualquer homem, moço ou velho,
Que fôr meu testamenteiro.

Agora nada mais tenho,
Cessa aqui a minha deixa.
Portanto supplico que
No testamento ninguem meixa

Nomeio testamenteiro
A meu sympathico *irmão*,
Que tudo repartirá
Com certeza e promptidão.

No fim de um anno quero
Que isto seja cumprido,
E todos hão de acceitar
O que se houver repartido

Não chorem por minha morte
Pois que então eu penarei,
E assim zangado fico,
E nada lhes deixarei.

Não chorem por mim, já disse,
Pois não serei condemnado,
Porque ha um mez fui
Dos peccados perdoado.

Enterrado serei de tarde,
Depois do sol ter entrado,
E por quatro cavallos pretos
Será meu carro puchado.

No cemiterio... callados
Hão de todos lá entrar,
E para enfeitarem a cova
Flôres hão de comprar.

Elephantes meus amigos,
Adeus! que já vou morrer,
E podeis ficar muito certos
Que não é por eu querer.

Finalisado está
O meu rico testamento,
E acabe de existir
N'este mesmo momento.

FIM